



# ARAUTO

1959  
ABRIL  
ANO II  
N.º 11

Prop. do CENTRO ESCOLAR N.º 1 Comp. e Imp. na Tip. do «Correio da Horta»	EDITOR Dr. Tomás da Rosa	ADMINISTRADOR M. Gomes da Silva	REDACTORES José Aica — António Soares J. Sousa Melo — José Azevedo	Redacção e Administração LICEU NACIONAL DA HORTA
---	-----------------------------	------------------------------------	--	---

## CONFRATERNIZAÇÃO INSULAR

### Visita do 7.º Ano Madeirense A Excursão à Terceira

Na véspera do Domingo de Páscoa uma embaixada de alunos e alunas do 3.º ciclo do Liceu do Funchal, visitou-nos durante a estadia do Lima. Acompanhava-os o sr. Dr. Clementino de Sousa, digno Vice-Reitor daquele Liceu, a sr.ª Dr.ª D. Margarida do Nascimento e o sr. Dr. Camacho, professores do mesmo estabelecimento de ensino. Tendo desembarcado nas Lajes do Pico, os estudantes visitaram a vizinha ilha, desde as Lajes até à Madalena passando pelo Cais do Pico. A «Calheta» embandeirada foi buscá-los à Madalena e os estudantes do Liceu Nacional da Horta, na «Velas» foram saudá-los fora da doca. Quando a «Calheta» se aproximou de nós, os gritos de júbilo e boas vindas ressoaram francos e bem altos, como a atestaram a nossa alegria, no vermos pela primeira vez estudantes madeirenses na terra faialense. Sem-

pre entre saudações as duas lanchas atracaram ao Cais de Santa Cruz, cerca das 13 horas. Em seguida tornaram novamente a lancha que os levou até a doca onde o «Lima» começava a atracar e ali saudaram a embaixada estudantil faialense que regressava da Terceira. As duas excursões, da Horta e do Funchal, já se tinham encontrado na Terceira, fazendo viagem juntos até à nossa «Ilha Azul».

A's duas horas da tarde, em duas camionetas os estudantes dos dois liceus em camaradagem franca, realizaram um passeio a alguns pontos turísticos da ilha. Foi pena que uma neblina persistente, envolvesse a parte alta do Faial nessa ocasião. Admiraram a cidade da Horta vista do Miradouro da Espalamarca. Visitaram o Vulcão dos Capelinhos só de vista, por falta de tempo para descer à «Ilha

Desde há muito que os alunos do nosso Liceu planeavam uma excursão à Terceira. Já na Páscoa de 1955 alguns rapazes acompanhados pelo seu professor de Educação Física, Prof. Tavares da Silva, se haviam deslocado àquela ilha onde disputaram alguns jogos com os seus colegas de Angra do Heroísmo.

Mas estava ainda por realizar o principal projecto dos nossos estudantes: organizar uma excursão à Terceira em que todos os filiados da Mocidade Portuguesa, fossem ou não habilitados para praticar desportos, pudessem participar.

Só este ano, graças ao es-



Liceu de Angra do Heroísmo, no antigo Convento de S. Francisco, onde pernottaram os estudantes do Liceu da Horta

forço e boa vontade do sr. Reitor do Liceu Nacional de Angra do Heroísmo, dos sr.ª

Professores Tavares da Silva, e Monteiro Pais, do nosso Reitor, dos estudantes de Angra, do Comandante de Bandeira, Tomás Horta e do Comandante de Castelo, Henrique Barreiros, esse desejo se tornou uma realidade.

Partimos da Horta no dia 21 de Março, acompanhados pelos sr.ª Dr. Laurindo José da Costa, nosso Reitor e Dr. José Domingues Rosado, professor do nosso Liceu. Todos se mostravam satisfeitos, mas o mar que a princípio estava calmo, começou depois a agitar-se e quase todos se senti-

(Segue na 2.ª página)



Foi no «Amor da Pátria» que se realizou o serão de confraternização, oferecido pelos estudantes da Horta aos seus colegas do Funchal

### Poetas Portugueses do Século XX

**Teixeira de Pascoais**  
Nasceu em 1877 e faleceu em 1952.

#### Recordando!

O tempo passa velozmente! Quisse um ano é já passado, mas na minha memória está ainda patente «o passeio à Graciosa». Parece-me viver de novo esses momentos deliciosos, que jamais esquecerei! Partimos de madrugada, numa manhã duvidosa, em que o tempo parecia querer ofuscar o brilho da nossa alegria. A viagem foi horrível, porém a chegada compensou bem todas as horas más.

Nada esqueci! A recepção, a volta à ilha, a Furna! A Furna do Enxotre! Como é belo recordá-la com o seu porte majestoso! Depois de descermos a longa escadaria quase emudecidos, contemplámos aquela maravilha da natureza!

Entim, o tempo voa, e continuará a voar, e eu começo já a sentir o sabor amargo da saudade.

Maria de Fátima da Silva

Durante a monarquia ocupou cargos de grande responsabilidade, sendo amigo de João Franco. Formou-se pela Universidade de Coimbra, onde conheceu e foi amigo de Lopes Vieira.

(Segue na 2.ª página)

### Sentido cristão no sofrimento no «Frei Luís de Sousa»

Sofrimento! Acerba taça de fel, pungente dor que dilacera as entranhas da alma, mas também foco irradiante que aponta o caminho do céu. Surge em todas as estradas da vida. Ora penetra nos pobres casebres e frias masmorras, onde a dor e a miséria são sumas, ora visita nos grandes palácios coroados de brazões, onde uma atmosfera de grandeza envolve os sumptuosos móveis, testemunhos de felicidade, fugidia. Todos temos de sofrer.

E o sofrimento é um seguro âncora de salvação à qual nem todos se lançam esperançados.

Os verdadeiros cristãos abraçam-no com amor, porque vêem nele o caminho orlado de espinhos que conduz

à glória eterna. Mas, infelizmente há muitos outros homens, que não querem de

(Segue na 2.ª página)

#### Campanha Carneiro Pacheco

No dia 11 de Abril começou esta benemérita campanha a favor de uma obra destinada a perdurar. É uma data verdadeiramente gloriosa, a da fundação da Mocidade Portuguesa.

Vai esta última fase da campanha até 10 de Junho, o «Dia da Lusitanidade». Carneiro Pacheco, fundador da M. P., merece ser lembrado e conhecido por todos aqueles em cuja alma arde a chama do amor à Pátria.

### Nos teus olhos de menina...

Nesses teus olhos, anjo, eu vejo bem  
A luz duma promessa, que s'efuma  
Num sonho do passado, que na bruma.  
Dum ideal perdido se detém.

Fita-os nos meus pisados de desdém,  
Verás os teus castelos, como a espuma  
Que vem morrer na praia, ou como a pluma  
Que o vento leva até perder-se além,

Ruir, deixando o vácuo, a escuridão,  
O sofrimento, o frio duma ilusão  
Dum mundo que perdi precocemente...

Não, não olhes os meus olhos sem esp'rança,  
E vive a tua vida de criança,  
Sê sempre assim — e sonha eternamente!...

J. Serpa

# A Excursão à Terceira

# Poetas Portugueses do Século XX

(Conclusão da 1.ª página)

ram mal dispostos. Contudo a vontade que todos tinham de chegar à Terceira fazia-lhes esquecer todos os maus momentos passados na viagem.

O «Cedros» fez rumo ao lado Sul do Pico, e dentro em pouco, chegou às Lajes onde não parou devido ao mau estado do mar. Foi fazer serviço nas Ribeiras, cujo porto estava mais abrigado. Depois de uma curta demora o barco seguiu para a Calheta de S. Jorge, onde passámos a noite.

De madrugada o navio levantou ferro e cerca das 7 horas ancorava em frente da vila da Praia da Graciosa. Após o tempo necessário para descarga e embarque de passageiros, saiu para a Terceira.

Chegámos a Angra pouco depois de 1 hora da tarde. No cais viam-se os estudantes terceirenses de capa e batina e numerosas pessoas que se aglomeravam à espera do «Cedros».

Mal este lançou ferro, dirigiu-se para bordo um grupo de alunos do Liceu de Angra acompanhados pelos Srs. Professores de Educação Física, Tavares da Silva e Monteiro Pais, que nos receberam com muita amizade e carinho.

Desembarcámos e, todos os rapazes e raparigas do Liceu de Angra, depois de nos cumprimentarem afectuosamente, acompanharam-nos até ao antigo convento de S. Francisco onde funciona o Liceu em cujo ginásio estava instalado o nosso dormitório.

Em seguida fomos para a Cervejaria Lisboa onde almoçámos e onde nos foram servidas todas as refeições, sem qualquer compromisso para nós.

A tarde realizou-se o jogo de futebol que os terceirenses venceram por 1-0. Durante o resto do dia passeámos pela cidade e à noite foi-nos oferecida uma sessão de cinema no Teatro Angrense com o filme «A flor do pântano», que agradou.

Na 2.ª feira, dia 23, de ma-



Aspecto do Aeroporto das Lajes, visitado pelos excursionistas do nosso Liceu

nhã visitámos a Base Aérea 4, com paragem no Campo de Golf Americano. Regressámos à cidade passando pela Praia da Vitória onde nos demorámos algum tempo.

A tarde no campo do Lawn Tennis Club assistimos a um festival desportivo de que fazia parte um jogo de basquetebol entre as equipas dos Liceus de Angra e da Horta. Tudo decorreu num ambiente de desportivismo.

Às 8,30 horas da noite fomos ao cinema ao Cine-Teatro, tendo sido exibidos dois filmes, «Cartas de amor» e «O anjinho público n.º 1».

No dia 24, cerca das 11 horas, encaminhámo-nos para o Monte Brasil, onde no Pico das Cruzinhas nos foi oferecido um almoço. Às 4 horas da tarde, realizou-se o encontro de Andebol que os nossos rapazes venceram merecidamente e à noite, no salão de festas do Lawn Tennis Club, prepararam-nos uma festa de confraternização na qual foram entregues aos capitães das equipas desportivas os troféus conquistados.

Os dois dias seguintes, 25 e 26, destinaram-se a passeios pela cidade, uma visita ao Museu, um jogo de futebol, cujo resultado foi um empate a zero bolas, etc.

Na 6.ª feira embarcámos no «Lima» com destino à Horta, percorrendo-se, no regresso, o mesmo itinerário que havíamos feito a bordo do «Cedros». Somente na Graciosa, em vez da Praia, foi Santa Cruz o porto de escala do navio. Aí o Sr. Presidente da Câ-

mara pôs à nossa disposição uma camioneta para irmos visitar a Furna do Enxofre e darmos a volta à ilha, amabilidade que muito agradecemos.

A bordo do «Lima» confraternizámos com os septanistas do Liceu do Funchal que se mostraram muito simpáticos para conosco.

Finalmente no sábado, dia 28, avistámos o Faial, onde chegámos a 1 hora da tarde.

No cais esperavam-nos muitos dos nossos colegas, alunos e alunas, que nos saudaram, respondendo aos nossos F. R. A. e nos ofereceram um ramo de flores.

Ficámos verdadeiramente sensibilizados pela maneira amável como fomos recebidos na Terceira e pelo modo de veras carinhoso com que fomos tratados.

E agora recordamos com saudade os belos dias passados nessa ilha irmã em que todos os nossos colegas de Angra se tornaram nossos amigos.

Seria com o maior prazer que os receberíamos na nossa ilha, para podermos retribuir, na medida do possível, todas as atenções de que fomos alvo.

Queremos mais uma vez exteriorizar o nosso reconhecimento pela maneira como fomos acolhidos, dizendo aos terceirenses: Obrigado! Muito obrigado!

## Do nosso Liceu

—A seu pedido, foi exonerada do lugar de professora de Inglês deste Liceu a Sr.ª D. Maria Manuela Nunes Neves.

—Para desempenhar as mesmas funções, foi nomeada a Sr.ª D. Branca da Fonseca Barata, que tomou posse no dia 1 de Abril.

—Chegou de Lisboa na última viagem do «Carvalho Araújo» o Sr. Dr. José Benarús, que tem sido desde há muitos anos professor deste Liceu, a que tem dedicado o seu esforço e actividade pedagógica.

Apresentamos os nossos respeitosos cumprimentos de boas-vindas.

### Pensamento do mês

**A incompreensão varia na razão inversa da inteligência.**

V. H. L. L. F.

Continuação da 1.ª página

É um dos maiores poetas portugueses de todos os tempos, apreciado também no estrangeiro. Escreveu obras em prosa e verso. Entre os seus livros de poesia, destacam-se: *Sempre, Sombras, Terra Proibida, Vida Eterna, Senhora da Noite, Maranos*. Críticos estrangeiros, como o inglês Aubrey Bell, o suíço Albert Talhot, o francês Philéas Lebesgue, o galego Otero Pedrayo, e tantos outros referem-se a Pascoais em termos de altíssimo apêço.

Vários autores espanhóis, entre eles Unamuno e Eugénio d'Ors o mais puro espírito representativo da Lusitania, um dos maiores poetas da Península Ibérica e grande poeta europeu. É talvez mais apreciado no estrangeiro do que entre nós, para nossa vergonha. Está traduzido para inglês, holandês alemão, etc.

Segundo Casais Monteiro, Pascoais é, ao lado de Camões, Antero e Pessoa, um dos quatro maiores poetas portugueses, génio dotado de rara originalidade.

Na sua obra exaltou o espírito lusiado, interpretando os mais íntimos recantos da Alma Portuguesa, no *saudosismo*, doutrina nacionalista, em que muitos escritores e poetas, como Correia de Oliveira, Lopes Vieira, Afonso Duarte, António Sardinha e outros, se integraram, reconhecendo o valor da orientação suprema de Pascoais.

## Afonso Duarte

Nasceu em 1866. Formou-se em Filosofia pela Universidade de Coimbra. Seguiu a carreira de ensino secundário. Pertenceu ao grupo da *Aguia*, com Pascoais e outros dessa geração de intelectuais, de antes da Guerra de 14.

A sua poesia revela uma personalidade poética bem definida e vinculada, que o impõe como poeta de excepcional valor.

Escreveu: *Cancioneiro das Pedras, Tragédia do Sol Posto*, e outras obras compiladas no volume *Os 7 Poemas Líricos*. Recentemente foi editada a obra completa deste grande cultor da Poesia Portuguesa.

## Canção Monótona

Monotonia...  
Sempre a imagem das cousas que nos pesa...  
A mesma cor vermelha da Alegria,  
O mesmo claro-escuro da Tristeza...

Sempre, no mesmo corpo, a mesma doença: a vida!  
Sempre a mesma elegia, em sílabas de máguia...  
Sempre o mesmo perfil de serra empedernida,  
Onde o inverno, a chorar, desenha espectros de água,  
Bocas sempre de tédio a envenenar o mundo...  
Uma noite perpétua, emudecida e calma...  
Negro pego de lágrimas profunda,  
Estagnação da Dor em ermos longes de alma...

Conclui na 3.ª página

## Sentido cristão do sofrimento no

## “Frei Luís de Sousa”

(Conclusão da 1.ª página)

modo algum abraçar a sua cruz de sofrimento, porque os seus olhos, fascinados pelos prazeres mundanos não sabem ver a infinita grandeza, que para além da dor se desceira.

As páginas do livro «Frei Luís de Sousa» são línguas que falam à humanidade, por meio do grande exemplo que nos legou o sofrido e resignado Manuel de Sousa Coutinho.

Este grande patriota português, casou com D. Madalena de Vilhena, já então viúva de D. João de Portugal. Essa santa união que para ele representava a maior felicidade da sua vida foi abençoada por Deus, que do Céu lhe enviou uma filha bela e risonha, enlevo e esperança de seus pais.

A chegada de um romeiro, vindo da Palestina, e que comprovava a existência de D. João de Portugal, desatou para sempre os laços que uniram Manuel de Sousa a D. Madalena. E Maria, essa criança excepcional, seria desse dia em diante a filha do crime e a vergonha de seus pais.

Manuel de Sousa sem Maria sem Madalena, e privado

de toda a felicidade que desfrutava no seio do seu lar, nada mais esperava do mundo cruel.

No auge da aflição e da angústia não se deixou arrastar pelas sombras que lhe enevoavam a mente e reagiu segundo o seu carácter enérgico.

Para ele só restava uma solução. Tomaria o hábito, entrando numa ordem religiosa, e aí só envolvido nas silenciosas sombras do claustro, choraria a sua dor.

E foi então que Manuel de Sousa com o coração dilacerado pela dor e inolinado sobre o cadáver da filha pediu ao Prior do convento que lhe lançasse o escapulário.

O espírito ardentemente religioso de Almeida Garrett tomou como seu porta-voz de «Frei Luís de Sousa», para que todo o mundo seguisse o exemplo que este nos dá, sabendo sofrer com resignação todas as contrariedades da vida. Pois, segundo disse o Prior do convento ao lançar o escapulário a Manuel de Sousa: — «Deus aflige neste mundo aqueles que ama».

Marla da Conceição Nunes  
4.º ANO

# Visita do 7.º Ano Madeirense

(Conclusão da 1.ª página)

Fantasma», como naturalmente seria desejo dos nossos visitantes da «Pérola do Atlântico».

Impressionou-os vivamente a grandeza dos estragos causados por aquele «monstro» que tantas lágrimas tinha feito verter. Uma onda de tristeza, passou pelos seus olhos, ao verem as casas derrubadas, e os campos cobertos por uma espessa camada de areias, onde a custo começavam a aparecer vegetais.

Visitaram em seguida a Ribeira das Cabras, e daqui regressaram à cidade.

Depois foram apresentar cumprimentos a Sua Ex.ª o Governador do Distrito, que teve a gentileza de lhe oferecer, bem como aos professores e alguns alunos do nosso Liceu, um lauto «Pico de honra». O passeio aos Capelinhos foi também oferta do

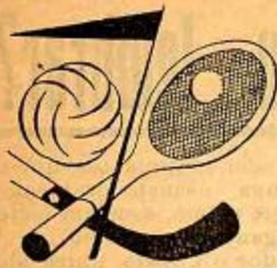
sr. Governador, que com palavras cheias de entusiasmo, saudou os visitantes, e o sr. Vice-Reitor do Liceu do Funchal agradeceu vibrantemente as atenções prestadas aos componentes da excursão madeirense.

Como salientaram o sr. Governador do nosso Distrito e o sr. Dr. Clementino de Sousa, esta excursão contribuiu imenso para estreitar os laços de amizade e compreensão entre madeirenses e açorianos.

No domingo de Páscoa, à hora da partida compareceram no cais a apresentar cumprimentos de despedida o sr. Reitor do nosso Liceu e outros professores, bem como alunos deste Distrito.

Uma comissão de alunos do 3.º ciclo do Liceu da Horta sob a orientação dos centros Masculino e Feminino da M. P. organizaram os preparativos para a recepção.





# “ARAUTO”

## pelo Desporto e pela Educação Física

### As Equipas do nosso Centro em Angra

Embora o principal objectivo da excursão da M. P. à Terceira, não fosse o de realizar provas desportivas, a Secção Desportiva do nosso Centro deslocou àquela ilha as suas equipas de futebol, basquetebol e andebol de sete, que disputaram vários jogos com as equipas do Centro Escolar N.º 1 de Angra, tendo os faialenses vencido dois jogos, empatado um e perdido outro.

O «Arauto pelo Desporto e pela Educação Física» sempre no desejo de pôr os seus leitores ao corrente das actividades desportivas do nosso Centro, apresenta a reportagem dos jogos realizados.

#### Futebol

##### L. Angra, 1 - L. Horta, 0

No dia 22 de Março teve lugar, no Campo de Jogos da Cidade de Angra, um encontro de futebol que foi dirigido pelo sr. Alfredo Esteves auxiliado por Ildefonso e M. Gomes tendo as equipas apresentado a seguinte formação:

Liceu de Angra — Alcáçova; D. Capaz e M. Henrique; Be-

narús, Couto e André; Claudino, Reis, Bretão, A. Armando e E. Faria.

Suplentes — Reginaldo e Floriberto.

Liceu da Horta — Barreiros; Quaresma e Botelho; Pinto, Cardoso e Emircio; V. Pereira, Porto, M. Simas, Renato e Eduíno.

Suplente — Agostinho.

Na 1.ª parte, a equipa terceirense atacou constantemente, auxiliada pelo vento que soprava forte pondo em perigo a baliza de Barreiros e só não havendo golos devido à boa actuação deste.

No 2.º tempo as equipas atacaram alternadamente, notando-se, no entanto, certa superioridade da equipa do nosso Centro, que agora beneficiava do vento que continuava a soprar forte.

O único golo do encontro surgiu aos 22 minutos da 2.ª parte, marcado por Reis, com um remate oportuno, sem possibilidade de defesa, depois de certa confusão em frente da baliza defendida por Barreiros.

O resultado aceita-se, apesar de ser o empate o resultado que melhor se adaptava ao desenrolar do jogo.

A equipa faialense seria

certamente capaz de fazer melhor, se os seus componentes não estivessem tão fatigados da viagem que havia durado mais de um dia.

Nos vencedores destacaram-se: D. Capaz, André e Reis, três jogadores de 1.º plano no futebol terceirense.

Nos vencidos destacaram-se: Barreiros, o melhor em campo, Cardoso e Renato. Pinto, que neste jogo se estreou na equipa do Liceu, teve boa actuação.

##### L. Angra, 0 - L. Horta, 0

Dia 25 de Março.

Campo de jogos da Cidade.

Arbitro — Alfredo Esteves

As equipas apresentaram as mesmas formações do primeiro jogo.

O resultado adapta-se perfeitamente ao desenrolar do jogo, porque se a equipa terceirense desperdiçou uma grande penalidade, marcada pelo habilidoso médio André, a equipa faialense dominou, não conseguindo marcar por causa da fraca actuação da sua linha avançada.

D. Capaz, André e Reis foram os melhores na equipa terceirense; nos faialenses

distinguiram-se: Barreiros, Cardoso e Renato. Como no primeiro jogo, a arbitragem foi boa.

#### Basquetebol

##### Angra, 26 - Horta, 28

No campo do «Lawn Tennis Club», no dia 23 de Março pelas 4 horas da tarde, realizou-se um jogo de basquetebol que os nossos jogadores venceram pela diferença de 2 pontos.

Como em todos os outros jogos, a equipa terceirense equipou de calção e camisa pretos e a faialense de calção preto e camisa branca.

Linhas:

Liceu de Angra — P. François (4), Alexandrino (12), Barbeito, Luciano, Eduardo (10), Bretão, Lima e Couto.

Liceu da Horta — V. Pereira, Gomes, Barreiros (11), Porto, Renato (12), J. Neves (5), Garcia e Botelho.

Na 1.ª parte deste encontro notou-se uma nitida superioridade da equipa terceirense que mostrou ser bem preparada tanto física como tecnicamente. Ao intervalo os terceirenses ven-

ciam por 19-8, o que fazia prever uma vitória esmagadora da equipa de Angra. Porém, os rapazes do Liceu da Horta, em vez de desanimarem, esforçaram-se para conseguirem diminuir a diferença e fizeram-no com tal impeto que, na 2.ª parte, marcaram 20 pontos enquanto que os terceirenses apenas somaram 7.

A vitória foi justa embora a equipa do Liceu de Angra fosse possuidora de melhor técnica e fosse mais bem constituída individualmente. No entanto, os faialenses conseguiram suprir a sua falta de preparação, empregando-se a fundo para conseguirem a vitória.

Nos terceirenses destacaram-se: P. François, Alexandrino e Eduardo. Nos vencedores não há nomes a distinguir pois todos se esforçaram para representarem dignamente a nossa ilha.

A arbitragem esteve a cargo de Faria e V. Hugo.

#### Andebol de sete

##### L. Angra, 2 - L. Horta, 3

Campo do «Lawn Tennis Club».

(Segue na 5.ª página)

## Entrevistas concedidas ao «ARAUTO»

### Carlos Reis

conhecido desportista e aluno do Liceu de Angra

• Com que impressão ficam os estudantes do Liceu da Horta?

—Com a melhor possível; todos os rapazes são uns belíssimos colegas e amigos, decorrendo tudo num ambiente de franca confraternização.

• Qual dos centros da M. P., Angra e Horta, tem melhor nível desportivo?

—Tem (na minha opinião) níveis desportivos equivalentes; simplesmente os rapazes do Centro da Horta não desanimam às primeiras (caso do basquetebol), e no andebol têm mais facilidade de remate.

• Das três modalidades disputadas, futebol, basquetebol e andebol, qual a que mais o agradou?

—Bem, o futebol foi para mim sem dúvida alguma, o de mais emoção. Mas o melhor jogo foi o de andebol, devido à modificação do resultado de duas bolas a zero favorável à nossa equipa,

para três bolas a duas, favorável aos meus colegas da Horta.

• Foram justos os resultados de todos os jogos?

—No basquetebol e andebol, os faialenses começaram mal, para acabarem bem ganhando mercadamente os dois jogos.

No futebol fomos felizes, mas os estudantes da Horta podem orgulhar-se de terem perdido de cabeça erguida.

• Acha que todos os jogadores faialenses jogaram bem?

—Todos tentaram honrar a sua ilha e Centro Escolar, contudo alguns sobressairam pela sua categoria.

• Se tivesse de distinguir três jogadores do C. E. 1 da Horta, quais escolheria?

—Sem dúvida alguma, Renato, um jovem cheio de magnificas qualidades para qualquer das modalidades, Barreiros e Cardoso.

• Ouvimos dizer que a M. P. do Liceu de Angra pre-

### António Armando

Chefe da organização de recepção, também nos falou.

Começamos por lhe perguntar:

—Diga-nos o seu parecer sobre a «malta» faialense?

tende organizar uma excursão ao Faial

Parece-lhe que isso será possível dentro em breve?

—Sim. Tivemos essa ideia e, visto já conhecermos os nossos colegas da Horta, seria um prazer para nós, confraternizarmos uma vez mais com rapazes de tão elevada educação e aprumo dentro e fora dos recintos desportivos, como o são os rapazes da Horta.

• Tem mais alguma coisa a dizer, por intermédio do «Arauto», aos seus colegas da Horta?

—Desejo, em meu nome e em nome de todos os meus colegas de Angra, que tenham boa viagem e muitas felicidades nos vossos estudos, são estes os nossos maiores desejos.

—São óptimos colegas, que vieram estreitar, ainda mais, os laços de amizade, já existentes entre as duas ilhas.

—O que nos diz a respeito dos jogos?

—Correu tudo muito bem. Tivemos infelicidade em alguns deles, mas os estudantes faialenses, não tendo jogado num nível técnico superior ao nosso lutaram sempre, até ao fim, com alma e muito entusiasmo.

Foi isto que os levou à vitória.

Ao terminar António Armando acrescentou:

Agradecemos a amabilidade de terem vindo cá, e, sinceramente, sentimos pena, de não podermos ir à vossa ilha, o que é o mais provável.

Peço desculpa, se houve alguma deficiência no que diz respeito à organização interna, porque, todos, esforçámo-nos por fazer o melhor que podíamos.

Oxalá que, para o futuro,

### Mário Silva

Mário Silva, ex-treinador do Barcelona e do Angrense, e recordista mundial de pesca, dignou-se dizer-nos algumas palavras. Actualmente é gerente da «Cervejaria Lisboa».

Os Faialenses, sensibilizaram-me muito com o seu modo de proceder. Tanto dentro do meu Restaurante como em toda a Ilha Terceirense foram disciplinados e muito correctos; não só desta, como de todas as outras vezes que vieram cá, os estudantes Faialenses, mostraram sempre, serem dignos representantes da encantadora «Ilha Azul».

venham aqui mais excursões faialenses, para bem da «malta» estudantil.

Para terminar quero ainda agradecer ao «Arauto» a amabilidade que teve para comigo, e oxalá que ele continue, por muitos anos, sempre bom como tem sido até agora.

# As equipas do nosso Centro

## EM ANGRA

(Conclusão da 4.ª página)

Dia 24 de Março.

Arbitro—Sargento Laranjo

Liceu de Angra -- Reis, Lima, Bretão, Couto, Alexandrino, Dionísio e Benarús.  
Suplentes: Eduardo e Barbeito.

Liceu da Horta -- Cardoso, M. Maria, Barreiros, Botelho, Renato, Porto e V. Pereira.  
Suplentes: Eduino e M. Simas.

Marcha do resultado:

1.ª parte — 2-0

1-0 (6 m) — D. Capaz atira forte, a bola bate num jogador e desce em arco sobre a baliza. Cardoso que estava adiantado ainda saltou mas não conseguiu defender a bola que se introduziu na baliza.

2-0 (10 m) — E' novamente

D. Capaz quem marca, rematando com força e de longe, sem possibilidade de defesa.

2.ª parte: 0-3

0-1 (5 m) — Cardoso na marcação de uma grande penalidade, atira ao canto inferior esquerdo, batendo o guarda-terceirense que quase nem se fez à bola.

0-2 (5 m 30 s) — Renato atira de longe e a bola introduz-se na baliza adversária, sem possibilidade de defesa para Reis.

0-3 (6 m) — Botelho, ao marcar um canto, atira a bola a descair sobre a baliza de Reis e Renato atira a bola por entre as mãos do guarda-redes adversário.

O resultado está certo, visos faialenses terem dominado, principalmente na 2.ª parte. Na 1.ª parte, porém, a equipa terceirense atacou bastante, chegando ao intervalo a vencer por duas bolas a zero. Na 2.ª parte os faialenses esforçaram-se para conseguirem a vitória, que podia ter sido por maior diferença se Renato não tivesse desperdiçado uma grande penalidade.

Na equipa terceirense, Reis, D. Capaz e Alexandrino, foram os melhores; nos faialenses todos cumpriram, sobressaindo, no entanto: Cardoso, Barreiros e Renato.

Felicitemos o nosso Centro pelos bons resultados obtidos, nas pessoas do seu Comandante, Tomás Horta, e do Chefe da Secção Desportiva, Henrique Barreiros.

### Interrogado sobre a excursão à Terceira,

## Tomás Horta

disse-nos:

Fiquei bastante satisfeito com a nossa excursão à Terceira.

A realização desta era o projecto que eu tinha para as férias da Páscoa. Tenho outro para as férias do Verão, mas por enquanto prefiro não dizer sobre ele.

## Campismo

A natureza é fonte inesgotável de alegria: o campismo, sobretudo quando é feito junto ao mar, é a melhor forma de a tornar aproveitável.

Praticar campismo sem ordem e sem método não pode ser; seria preferível, então, não o praticar.

Num bom acampamento são indispensáveis os graduados, que vejam quer como fonte de alegria e de saúde física, quer como meio de realização de Acção Educativa e de aperfeiçoamento físico, moral e intelectual da Juventude, necessários à construção de um Portugal melhor.

Sem graduados, o campismo não se pode realizar e muito menos alargar-se, tornando-se mais frequente e mais frequentado; não interessa que um ou outro acampe, interessa sim, que todos beneficiem do que a natureza nos pode proporcionar, através do campismo.

Sendo o campismo uma escola de colaboração e assim de preparação para a vida social, é fácil compreender a extraordinária importância da boa formação moral das pessoas que o estão a dirigir. E, para isso, haverá muitas pessoas competentes?

Enfim, não será mais eficiente a formação moral ligada à prática do que feita entre quatro paredes duma sala?

T. H.

## Qual a nossa missão?

(Conclusão da 3.ª página)

ter a ti próprio que trabalharás, se dia a dia te revoltas por não estudares o indispensável e prometes fazê-lo no dia seguinte; mas chega esse dia e a promessa é adiada para o outro, e assim sucessivamente até que chega o fim do trimestre, e do ano, sem que nunca o tinhas feito, excepto nas horas de agonias (calafrios), como seja a véspera de exercícios. E nestes momentos, sim, quantas, novas e vãs promessas!

Quantas vezes já pensaste no prazer que terias, se fosses bom estudante, na alegria que darias a teus pais? E porque o não és, se tens capacidade para isso? A resposta é simples e triste: — não o sou, porque não quero, sim, não me quero maçar. E assim se vai perdendo o gosto e a vontade por tudo que é útil para a humanidade e para nós mesmos.

Mas o certo é que se alguém nos disser isto, inventamos mil e um argumentos pa-

### Breve notícia histórica

Em 1895, William G. Morgan, então, director do Departamento de Educação Física da Associação Cristã da Mocidade em Holyoke, Estados Unidos da América, inventou um jogo ao qual deu o nome de voleibol.

O primeiro equipamento do voleibol resumiu-se no seguinte: uma bola de borracha, e uma rede de ténis, colocada à altura de cerca de 1,90 metros. A ideia principal consistia em conservar a bola em movimento, batendo-a com as mãos, por cima das rede. No princípio, o jogo era só conhecido em Holyoke, mais tarde fez-se a sua demonstração na presença de professores de Educação Física, demonstração essa que agradou e que constitui o primeiro passo para a popularidade que, desde aí, o jogo passou a ter.

O voleibol tem protegido em estilo de jogo desde o seu começo, e na actualidade, é um desporto de raras qualidades atléticas. A partir da primeira Grande Guerra, o voleibol adquiriu um extraordinário incremento em todas as partes do mundo. Hoje é, praticado em, pelo menos, sessenta países e é o mais im-

portante em vinte e cinco deles; o número de jogadores que o praticam, por ano, é de cerca de sessenta milhões.

O voleibol, em virtude da sua enorme popularidade e do grande número de praticantes, levou à criação de um organismo internacional que superintendesse aos seus destinos, a Federação Internacional de Voleibol, com sede em Paris. As nações filiadas neste organismo atingem já o elevado número de trinta e são: Albânia, Alemanha, Argentina, Bélgica, Brasil, Bulgária, Checoslováquia, Espanha, Estados Unidos, Equador, Filipinas, França, Grécia, Guatemala, Holanda, Israel, Itália, Japão, Jugoslávia, Líbano, Luxemburgo, Noruega, Polónia, Portugal, Roménia, Rússia, Turquia, Uruguai, Venezuela e Hungria.

O voleibol é jogado no nosso país há pelo menos vinte e cinco anos. Foram seus introdutores as tropas expedicionárias americanas, quando da sua estada nos Açores, em 1914, durante a primeira Grande Guerra. Alguns anos depois, efectuaram-se as primeiras competições, no Estoril e em Lisboa, principalmente no Triângulo Vermelho, devendo-se a esta entidade a edição das primeiras regras da modalidade, escritas em português. Devido ao entusiasmo sus-

citado pelo aparecimento do novo jogo, e, também ao já relativamente elevado número de praticantes, tornou-se necessária a formação de uma Associação, a Associação de Voleibol de Lisboa, em 28 de Dezembro de 1938, exemplo que mais tarde foi seguido pelas cidades do Porto, Coimbra e Funchal.

Em 1939, a Organização Nacional Mocidade Portuguesa, adoptou oficialmente a modalidade e tornou obrigatória a sua prática a todos os filiados.

Em 1943, a Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, introduziu o voleibol nos seus torneios oficiais, obrigando à realização de campeonatos regionais e nacionais.

No Exército e na Marinha, principalmente naquele, o carinho e a importância dedicados à modalidade são dignos de especial registo, e estão bem patentes no entusiasmo e brilho com que sempre são disputados os torneios regionais e nacionais militares.

Todo este incremento conseguido pelo voleibol, obrigou imperiosamente à organização da Federação Portuguesa de Voleibol, fundada em 7 de Abril de 1949.

Presentemente o voleibol é, segundo recentes estatísticas, praticado em Portugal por cerca de sessenta mil elementos.

### Valor educativo do voleibol

Entre os desportos de conjunto, o voleibol é considerado um dos mais atraentes, quando bem jogado, e um dos mais fáceis, em virtude do pouco material que requer. Do ponto de vista moral, quer dizer, no que respeita ao aperfeiçoamento e desenvolvimento das qualidades morais dos jogadores, é um dos mais completos. A repressão da violência e do contacto directo com os adversários, a obrigatoriedade extensiva a todos os jogadores de passarem pelas mesmas posições, e as regras orientadoras da sua prática, são os principais factores que obrigam o jogador à natural observação de um procedimento cavalheiresco.

O voleibol desenvolve o amor próprio, o espírito de iniciativa e decisão, o sentido da disciplina e camaradagem e a noção de conjunto. Exigindo rapidez de raciocínio e de movimentos e entreação a todo o instante, o voleibol leva o jogador à exteriorização de sentimentos superiores, sob pena de expulsão como elemento desnecessário e mesmo prejudicial.

Do ponto de vista físico, não apresenta inconvenientes para a idade ou sexo dos praticantes, desde que estes, dentro da mesma classe, tenham realmente condições físicas idênticas. É um óptimo exercício físico, pois, proporciona a flexibilidade das articulações, a agilidade dos movimentos, a elegância dos gestos, a correcção das atitudes, facilita o controle do sistema nervoso, aumenta a capacidade respiratória e desenvolve a destreza.

O voleibol deve figurar em todos os programas de Educação Física, para facilitar o desenvolvimento das qualidades morais e físicas do indivíduo.

(Do livro «Vamos Jogar Voleibol»)

## «Solteiros», «Casados» e «Divorciados»

No passado dia 8 disputou-se um torneio de basquetebol entre equipas constituídas por «solteiros», «casados» e «divorciados». Sairam vencedores os «casados».

As equipas apresentaram as seguintes formações:

«Solteiros» (calção branco e camisa preta) — Porto, Gomes, Garcia, Neves, Faria e Lourenço.

«Casados» (calção preto e camisa preta e branca) — M. Simas, V. Pereira, T. Alberto, Guerra e Barreiros.

«Divorciados» (calção e camisa brancos) — J. Bettencourt, Horta, M. Maria, F. Vergílio e M. Gomes.

«Solteiros» 0 — «Casados» 7

Arbitro: Renato Lima.

Marcadores: Barreiros (4), T. Alberto (2) e V. Pereira.

O jogo foi de baixo nível, notando-se, grande superioridade da equipa vencedora. No entanto, os vencidos só não marcaram por falta de sorte e também devido à boa

actuação da defesa adversária.

Barreiros e Porto foram os melhores.

«Solteiros» 9 «Divorciados» 11

Arbitro—Renato Lima  
Marcadores: Horta (6), M. Maria (4) e F. Vergílio, pelos vencedores; Garcia (4), Porto (3) e Neves (2), pelos vencidos.

O resultado não corresponde ao jogo, visto os vencidos terem sido os melhores, tendo mesmo estado a vencer por larga margem. Contudo, no fim do encontro os «divorciados» reagiram e, com alguns lançamentos com sorte, puzeram-se em vencedores.

Horta e Neves foram os que estiveram mais certos.

«Casados» 12 «Divorciados» 4

Arbitros—Neves e Porto  
Marcadores: Barreiros, Guerra e V. Pereira com 4 pontos cada, pelos vencedores e Horta (4), pelos vencidos.

Foi este, sem dúvida, o jogo que despertou maior interesse, porque o seu vencedor seria o vencedor do torneio.

Os «casados» entraram em campo com o firme desejo de oferecerem uma vitória às «esposas», enquanto que os «divorciados» desejavam defender a memória das suas «antigas».

A vitória dos «casados» foi justa.

Salientaram-se Barreiros e Horta.

Felicitemos os simpáticos vencedores.

S. I. M.

# A luta contra a fatalidade

## NO "FREI LUÍS DE SOUSA"

Todos nós temos de lutar na vida.

O «Frei Luis de Sousa» apresenta-nos um caso em que depois da luta, a fatalidade termina por vencer. D. João de Portugal, marido de D. Maria de Vilhena, morreu em Alcacer-Quibir. Garrett aproveitou a história e a lenda. Madalena ao saber do desaparecimento de D. João, enviara mensagens para várias partes a fim de se certificar de tão grande desgraça. Todos os seus esforços foram nulos, pois nunca mais ouviu falar dele. Então, perdida todas as esperanças, D. Madalena casou em segundas núpcias com Manuel de Sousa, mas os dias que se seguiram, nasciam sempre para ela obscuridos pela sombra do remorso.

Nasceu uma filha, Maria, que veio desvanecer por algum tempo essa sombra com a luz ofuscante da sua alma.

Assim, foram decorrendo lentamente os anos. E com o tempo aumentava a luta no espírito de Madalena, pois quanto mais os anos passavam, mais ela imaginava divisar o vulto ainda longínquo do primeiro marido, mas que ela sentia que se aproximava cada vez mais. Tentava frustradamente destruir esse pensamento, que não queria que chegasse a corresponder a uma realidade. Porém a fatalidade não vinha longe... Esse tal vulto foi-se aproximando de tal maneira que já não era uma figura indecisa, mas o próprio D. João de Portugal.

Chegou um dia da Terra Santa depois de vinte anos

de sofrimento, oculto sob uns farrapos de romeiro, morto de saudades e esgotado de lágrimas, talvez com esperança de encontrar a sua casa para aí viver o resto da vida ao lado da sua mulher. Mas ao chegar ao lugar desejado e ao deparar com o que acontecera, retirou-se para sofrer até ao fim os dissabores daquela grande desilusão...

E então nesse dia juntou-se à dor de Madalena o sofrimento atroz de Manuel de Sousa que se julgava o destruidor dum lar feliz, ocupando um lar que não lhe pertencia.

Marido e mulher, vendo que não podiam viver assim destruíram todos os laços

que os uniam e deram entrada num convento no dia em que sua filha ocultava o rosto no peito de sua mãe, pedindo que não a abandonasse.

E como lhe faltassem as forças caiu redondamente no chão, voando nesse momento a sua alma para o céu, e deixando Manuel de Sousa e Madalena amargurados pela mais profunda dor.

E agora depois de os ver lutar e sofrer tanto podemos viver e sentir melhor a última frase da tragédia:

«Deus aflige neste mundo aqueles que ama. A coroa de Glória não se dá senão no Céu?»

Maria Regina de Serpa

4.º Ano-C

## A VIDA e a MORAL

Ao conjunto dos actos dum ser vivo, desde o nascimento até à morte denomina-se vida; e a ciência do ensino das regras que se devem seguir para praticar o bem e evitar o mal, designa-se moral.

Ora, nesse período de tempo correspondente a uma vida, a moral encontra-se a dirigir a actividade desse ser em todas as suas acções que ele pratique.

Assim, se um ser humano é próbo na sua vida, ele deve-o à moral que o sabe orientar no exercício dessa qualidade se, pelo contrário, a virtude não animou o es-

pírito desse, a sua vida é totalmente virulenta e ignóbil.

E' o que acontece nessas homicidas e criminosas, detestados pela Humanidade.

Para uma vida ser cumprida dignamente segundo a honestidade, é preciso que o espírito do indivíduo esteja predisposto convenientemente e se resolva a pôr em prática os preceitos morais.

Não basta que um homem tenha um perfeito conhecimento da moral, para que, entrando no caminho da vida, se julgue forte e incapaz de se extraviar. E' necessário a prática.

A moral exige mais acções vivas do que palavras mortas.

Para concretizar em exemplos o que acima expus, podemos considerar a vida dos heróis da virtude, como um S. Francisco de Assis, um S. Paulo, um padre Américo, e inúmeros outros.

Por se esmerarem em praticar o bem, os seus nomes são venerandos e imortais. É porque é que tantos dos seus contemporâneos são desconhecidos?

Porque, enquanto aqueles souberam conduzir a sua vida para um alto grau de he-

# -- Sacrifício --

(Conclusão da 3.ª pág.ª)

Eram nove horas da noite. Isabelinha foi para o seu quarto, fez as suas orações e deitou-se tranquilamente, pensando no dia seguinte.

Mal rompeu a manhã, levantou-se para ir assistir ao santo sacrifício da missa, celebrada pelo pároco na pequenina igreja da sua aldeia.

Terminada a missa com as orações habituais, Isabelinha deixou que todos se retirassem. Ficando só, dirigiu-se com passo firme para a sacristia a fim de falar com o senhor Padre.

Ao sair, parecia outra. Os seus olhos azuis, tinham um brilho celestial. De costume, tão pouco comunicativa, naquele dia ria a propósito de tudo e de nada, sentindo dentro de si uma alegria diferente de quantas tinha experimentado até ali. O sr. Padre tinha-a deixado radiante fomentando-lhe a ideia de vir a ser um dia religiosa.

Haviam passado já 15 dias.

Aquela tarde de Primavera parecia sensibilizá-la. O azul cristalino do céu parecia reflectir-se nas águas limpidas do mar, onde vagavam pequeninos barcos de vela. O sol ia já desaparecendo, deixando no horizonte reflexos dourados que pareciam chamas de uma fogueira. Isabelinha, sentada à sombra do grande castanheiro, seu velho amigo, imaginava-se uma irmãzinha de caridade cuidando carinhosamente de enfermos, um grande hospital, quando avistou perto dela o sr. Padre que a chamava com um sorriso de triunfo. Pressentindo uma boa nova, correu para ele.

—O se — nhor — gaguejou ela.

—Isabel, começou ele, quero falar-te sobre uma coisa muito séria. Sentes que real-

ismo moral — muitos ao contrário só procuraram o prazer e o mal. Isto é, foram fracós. E... «dos fracós não reza a História».

Assim é. E a grande força consiste em praticar a virtude heroica.

Manuel Avellino

4.º Ano-C

Maria de Fátima da Silva

Escola do Magistério

## Sentido cristão do sofrimento

Todo o ser humano está sujeito ao sofrimento, porque o sofrer é uma lei da natureza.

Quem há que trilhe o espinhoso caminho da vida sem um sofrimento, por mais pequeno que seja?

Por esses hospitais do mundo, quantos sofrimentos, quantas doenças consomem a Humanidade sem distinção de ricos nem pobres.

Nos países assolados pela guerra, quantos seres padecem de fome! Quantas crianças e velhos, rotos e famintos, estendem a mão à caridade!

E essas pessoas que vemos todos os dias e que nos parecem felizes, quem sabe se

não terão algum drama intimo que as faça sofrer?

E quem não sofre com a morte de um ente querido?

Há pessoas que desesperam com o sofrimento, erguem o punho ao céu, blasfemam, injuriam a Deus.

Por vezes o desespero é tão grande que muitos põem termo à própria vida.

Outros sofrem com resignação, compreendendo a doutrina de Cristo.

Sofrer resignadamente é próprio da alma cristã.

Para o cristão esta vida é apenas uma prova; a verdadeira vida está para além da morte.

Eis a fé em Cristo! A fé sublime que dá coragem aos

mente Deus te chama para religiosa?

—O' sr. Padre, eu sinto que Deus me chama em todos os momentos, e penso que cada hora que passo aqui, é uma hora perdida.

Então, tornou ele, podes preparar-te para te internares num convento, dentro de oito dias.

Isabelinha, mal acreditava no que ouvia. A voz embargara-se-lhe pela comoção, e foi com um sorriso de gratidão que disse como num murmúrio: — obrigado, pedirei a Deus por si quando estiver vivendo a minha verdadeira vida.

Assim Isabelinha viu-se transformada de rapariga de aldeia em irmã Dolores. Graças às suas constantes súplicas, foi transferida para um sanatório afim de cuidar de tuberculosos.

Aí sentia-se plenamente feliz. Era incansável. Quem a chamasse de dia, quer de noite, lá estava ela à cabeceira de qualquer moribundo encorajando-o. Tinha para todos um gesto, uma palavra de consolação. Todos queriam ter ao pé de si à hora morte, a irmã Dolores que consideravam como santa.

Tinha então 23 anos, mas devido ao seu esforço permanente, aparentava mais de trinta. O seu organismo debilitado pelo trabalho, foi vítima da terrível doença que a rodeava. Todos lamentavam a sorte daquela a quem tanto queriam. Ela, porém, sentia-se feliz, prevendo que teria uma morte idêntica à de quem por ela se tinha sacrificado.

Dia 13 de Maio. A natureza parecia em festa, engalanada pelas flores primaveris sob o sol do meio dia. Foi nesta hora que, com um sorriso nos lábios, a irmã Dolores deixou de existir, entregando calmamente a sua alma a Deus.

A sua campa jamais deixou de ter flores, que lhe vão depor aqueles a quem ela tratou com tanto carinho.

## A VAIDADE

Vaidade!

Mas o que quer à dizer esta palavra?

Talvez significa toda a preocupação da juventude da «nossa época»!

Sim, é isso mesmo.

É um grande defeito sobretudo quando praticado em demasia, como desporto. Mas muita gente não pensa nos «porquês» de cada coisa, e trata de figurar perante a sociedade e quanto ao resto...

Pois por este caminho não se pode encontrar o bem a que aspiramos nem a certeza daquela vida feliz que aparece sempre nos nossos «Sonhos Dourados».

Quantas vezes vemos tanta inquietação e preocupação que até se torna repugnante, por exemplo a respeito dos diversos «cortes de cabelos»; dos variados «tons» que se devem aplicar às unhas!

Tudo isto para que «eu» não fique atrás «daquela» porque «eu» me julgo mais «bonita», porque «eu» em nada sou menos do que «ela» ou ainda porque «eu» quero simplesmente «fazer figura».

E pronto!

Pois bem!... Ou pois mal! Quantas e quantas vezes nesta admiração, que é quase idolatria de nós próprias, esquecemos aqueles desgra-

çados pobrezinhos que nos rodeiam!

Sim e se pensamos bem, quando temos um «fato novo» julgamo-nos superiores a todos e nem sequer «ligamos» aos que também o queriam ter mas não podem!

Infelizmente é assim. Tratamos de fazer um certo número de «gestos» e de «carinhosas bonecas», para dar «nas vistas», e vemos todos, que esteámos um bonito fato!

Aquele orgulho que se mete em nós, que nos faz olhar os outros nos «bicos dos pés» — é terrível — mas quase sempre vem o desequilíbrio, calmos e ficamos a mesma pessoa simplesmente vista de «outro modo».

Pensemos bem nisto e não esqueçamos que a nossa frente está Deus a chamá-nos para a Vida Eterna.

E qual dos caminhos «queremos» seguir?

Aquele que é guiado por uma série de vícios entre os quais a vaidade?

De certo que não.

Procuramos, pois, dominar este defeito para não nos tornarmos uns verdadeiros inúteis, uns aborrecidos, para quem os outros olharão com o maior dos desprezos.

Eduarda Maria

5.º Ano-A

# São assim os Estudantes...

## == ESPIONAGEM ==

(Conclusão da 8.ª pág.ª)

### Chauffeur

Casualmente, veio até nós a notícia de que o S... tinha feito uma declaração a certa menina. Isto de turmas mistas...  
Tem agora a profissão de condutor do «carro da mala».

### Novo Cenário

A M. R. não se deu muito bem com o simpático terceiranista de quem talámos no último jornal. E-la agora, rodando com outro. Não sabemos se ele terá deixado alguma na Terceira. O melhor é ter uma de reserva.

### Grande Batateiro

Certo quartanista (de óculos) diz cada «batata» que é mesmo de fazer rir.  
Ora vejam lá, que ele já correu com o Manuel Faria e com o Alves Barbosa (de bicicletas). Com o último não se sabe se foi a «Volta à França» ou a «Volta à Terceira». Não sabemos que tinhamos entre nós um tão grande batateiro.

### "ELES" NA TERCEIRA

### Quá! Quá! Quá!

Por estar apaixonado pela «Patinha», o nosso Comandante de Centro pensa pedir transferência para o Centro do Liceu de Angra.  
Anda com juízo, porque... ela é sobrinha do Sr. Reitor. Felicidades aos dois!

### Comerciante ou Industrial?

O Fernando Virgílio apanhou uma grande molha ao acompanhar uma menina da Escola Comercial e Industrial.  
Segundo nos consta, ele envia correspondência para essa Escola, com fins comerciais.  
Mal sabe ele que as cartas são todas abertas naquele estabelecimento de ensino.

### Um para duas

A «Manu»...  
Oh! E nós que já nos esquecíamos de que o Sr. A..... nos tinha proibido de lhe pormos piadas. Mas como isto fica só cá entre nós podemos contar-lhes tudo: há um quintanista que, na Terceira, se apaixonou pela «Manu» e, como ela nas férias da Páscoa estava desocupada ligou-lhe, mas sabe Deus por quanto tempo...  
O pior é a outra do Faial que não quer que ele lhe fuja.  
Qual das duas vencerá?

### Cerveja?!

Não havia água que matasse a sede a dois alunos do 3.º Ciclo do nosso Liceu.  
Por isso resolveram conquistar a «Bia» para ver se ela os contentava.

### «Angra»

Continuamos a acreditar que «os pequenos também se casam», porque vimos o Pinto a actuar, agora em Angra, com Mary Angra. A palavra «Angra» tem de facto muita influência na vida daquele nosso colega.

### Estreia

O Guerrinha que no Faial se havia mostrado mais ou menos pacífico, resolveu entrar em acção na Terceira. E olhem que não se contentou com muito pouco!

### Médico

Será que o C. Manuel tirou assim tão rapidamente o curso de médico?!  
Talvez na Terceira esse curso seja mais rápido.  
O melhor ainda era aprenderes para veterinário, porque há falta dum, cá no Liceu.

### Bagageiro?

Safa!  
Há um sextanista que quer ser bagageiro, porque quando os excursionistas foram ao Monte Brasil, vimo-lo a carregar com a «Mias» estrada acima, para no fim ser o J. Bettencourt quem a trouxe para baixo. Este não gosta de se incomodar, e na verdade descer é melhor porque «para baixo todos os santos ajudam».

### Infelicidade

O Eduíno tentou conquistar uma terceirense, mas mal sabia que ela já estava arrumada...  
E' infeliz na verdade!

### Sapatos de graça

O «avô dos quintanistas» disse-nos que queria ser sócio de uma importante sapataria de Angra, para ter sapatos de graça.  
Mas, como inesperadamente resolveu partir para a Holanda, onde vai passar o Verão, desistiu do seu intento.

### Cuidadinho!

O menino, o senhor Germanoff, está interessado em transferir-se para o 5.º Ano do Liceu de Angra.  
Mas nós, com pena dele aconselhamo-lo a que ficasse no 4.º Ano, porque se for para o 5.º pode ficar com um bonito par de...  
Nunca fiando.

### Capas negras

Alguns dos estudantes do nosso Liceu, ao verem que os seus colegas de Angra usavam capa e batina, gostaram tanto daquele costume, que os quiseram imitar, mas substituíram a batina pelo pijama e a capa por um cobertor.

### «Meia bola» e...

Os nossos rapazes quiseram exibir na Terceira o seu

talento para o «Cinema aos Copos». Por isso, depois de irem ao cinema iam por vezes aos copos.  
Bastava-lhes «meia bola» e...

### Falta de consideração

Durante a viagem para a Terceira os excursionistas não se esqueceram de chamar por S. Gregório, que corria todo o barco para atender a tanta chamada.  
Mas de todos, o que estava em pior estado, era o José Augusto que desembarcou em S. Jorge e foi difícil convencê-lo a seguir viagem, talvez por julgar que já estava morto!  
O certo é que, dois rapazes querendo fazer uma aposta, chamaram o infeliz para ser testemunha, ao que ele respondeu prontamente que não o podia fazer porque já era uma «testemunha morta».  
E' de facto, uma falta de consideração por si próprio.

### «Fine!»

E' hábito dos alunos do Liceu de Angra, quando se encontram, cumprimentarem-se dizendo: «Fine! Fine!».  
E parece que a moda «pegou» entre os excursionistas, pelo menos enquanto estiveram na Terceira, e quando encontravam uma terceirense, que lhes agradava, diziam-lhe logo «Fine! Very Fine!» e lá estava conhecimento travado.  
Mas... cuidado com as «americanices»!

### Comportamento exemplar

Alguns rapazes do nosso Liceu que foram à Terceira portaram-se de uma maneira decente: deitaram-se quase sempre às 6 horas. . da manhã, deixaram as terceirenses em paz, etc., etc.

### «Sopeira»

Não sabemos que no 5.º Ano havia um rapaz com tão boas qualidades para «sopeira».  
Vocês sabem lá! Numa noite fez a cama seis vezes e no fim não o deixaram dormir.

### Heroísmo

O Guerra é um herói!  
Conseguiu estar duas noites sem dormir e um dia sem comer.  
Actos de bravura como este não podem ficar esquecidos.

### Dorminhoco

Houve uma noite em que quase ninguém conseguiu dormir, porque o Paulino e o Eduíno «raguearam» a noite inteira.  
Mas apesar disso o V. Pereira dormiu sossegadamente. De manhã, levantaram-no cama e tudo, para o pátio, e apesar disso ele nunca acordou.

Na aula de Canto Coral, apanhámos um senhor a escrever uma declaração de amor, nos seguintes termos:

M. R. A.

(Estudante)

Venho por este meio informar-te que já ha muito reparo em ti e estou verdadeiramente apaixonado. Diz-me se queres aceitar namoro comigo. Espero a resposta com verdadeira ansiedade e com o coração em sobressalto.  
Espero deferimento

## Crítica liceal

???

O Liceu é casa dos aflitos A casa dos nossos estudantes, O mais famoso do edificio Conhecido pelos viajantes.

Os nossos professores Intligem-nos derrotas. E fazem-nos sentir dores, Quando nos dão as notas.

Dos nossos empregados Nada há a apontar. Mas a verdade é que é pena Que não nos deixem fumar.

Os alunos, esses São bons estudantes... Não são vagabundos, é claro, Mas, sim, estravagantes.

As meninas são muito galantes Muito alegres, e muito formosas, Mas apesar disso, são mais passeantes Do que estudiosas

António Manuel G. S.

Há no sétimo ano Um aluno brincalhão Que vem ao sexto exercer Suas funções de plantão.

## Quem é...

Há dois anos, quando o José do Pico estreava pela primeira vez a L. . . , houve um certo sujeito que ouviu toda a conversa debaixo do banco em que estavam sentados:  
—Quem é o teu paizinho, queridinha.

—Quem será o «esqueleto da mania» do 5.º Ano-A?  
—Qual o menino do 4.º Ano que quer ir para a carreira eclesiástica?  
—Qual a menina «desmancha-engates»?  
—Qual a menina do Magistério que tem jeito para bater lingua?  
—Quem são os dois galãs que, após um período de separatismo, reabriram juntos na Terceira a sua carreira de conquististas?  
—Porque é que o Emircio desembarcou na Calheta de S. Jorge?  
—Qual a menina do 2.º Ano que deseja ir para a Espanha?  
—Qual a menina do 4.º Ano, que todos os dias bebe pelo bibeton, um litro de leite, para crescer um palmo?  
—Qual a terceiranista que quer ser explicabota?

## GRANDE ANEDOTO

Um conhecido «conquistador» do nosso Liceu, quis-se armar em aluno muito aplicado e estudioso, na frente das septanistas do Liceu do Funchal, quando afinal é um grande cabulão, e anda no 4.º Ano.  
—Sabem o que disse ele?  
—Ando no 7.º Ano e...  
Grande anedota este V. A.

## Não concordamos...

... com a designação de «Turma da Branca de Neve e os Sete Anões» dada à aula do 7.º Ano. Devia ser: «Turma da Morena e os Sete Gigantes».

## Subscrições

O Luis Gonçalves, em virtude de uma cauboiada atrás do Castelo, rompeu as calças. Como o vimos à rasca para mandá-las cerzir, o «Arauto» inicia uma subscrição a seu favor:

Um aluno	\$10
Quaresma Romão	1 cm de electricidade um dia de trabalho um cigarro

Há três meninas do 4.º Ano-C que constantemente chupam, ou nos dedos ou nos medalhões. Achámos melhor abrir uma subscrição para lhes comprar umas chuchinhas.

Um aluno Azevedo	\$10 chucha e meia
------------------	--------------------

# São assim os Estudantes...

## ENTREVISTANDO

### Helder Porto

o maior Polidor de Calçada do nosso Liceu

● Há quantos anos frequentas o nosso Liceu?

— Há nada menos de oito anos.

● Dize-nos uma alegria e uma tristeza por que tenhas passado durante a tua vida de estudante?

— A maior alegria que tive foi a passagem do 5.º ano. A maior tristeza foram os tais dois dias com que fui punido, para mim, injustamente.

Também no campo desportivo tive algumas alegrias e tristezas, as quais soliento as seguintes:

— No que diz respeito a alegrias, foi a recente vitória em Angra ao basquetebol (28-26), frente ao Liceu daquela cidade, e no jogo de hóquei disputado no primeiro de Dezembro, em que vencemos por 1-0 e no qual eu fui o autor do golo. Tristeza passei o ano passado no jogo de basquetebol, realizado no dia 10 de Junho, considerando-me o único culpado da nossa derrota.

● A teu ver, qual a melhor maneira de passar o ano, sem estudar?

— A velha tática dos cálculos, com métodos modernos.

● O quearias se fosses nomeado, por um dia, reitor deste liceu?

— Acabava com as discussões de futebol ao pé da cantina e mandava consertar a campainha do 6.º Ano-F.

● O que pensas das raparigas?

— E o que julgas que elas pensam de ti?

— O que havia de pensar, senão bem.

Que haviam de pensar dum pobre inocente: o que eu penso delas, salvo algum caso particular.

● Como defines Professor? E aluno?

Aluno — empregado resignado

Professor — patrão exigente.

● Para ti, qual a melhor e a pior disciplina que tenhas estudado?

— A melhor Matemática, a pior Francês. Matemática a melhor, porque tem pouco que estudar, francês, a pior porque só consegui passar nela uma vez.

● Gostaste da nossa excursão à Terceira?

— Isso nem se pergunta, é pena terem sido só cinco dias.

● Que tal são as «miúdas» (os rapazes não te interessam) daquela ilha?

— As miúdas daquela ilha são muito dadas e boas colegas, talvez um pouco dadas demais

● Achas que os nossos estiveram «em forma» perante elas?

— Era vê-los a actuar, jogaram melhor no jardim do que nos recintos desportivos, e a Rua da Sé esteve mais movimentada, até parecia a carreira da Urbana; com o condutor a conduzi-las... (as camionetas), da forma mais adequada para S. Pedro.

● Certamente ficaste bem impressionado com a camaradagem existente entre os rapazes e as raparigas do Liceu de Angra.

Qual seria a melhor maneira de desenvolver a camaradagem no nosso Liceu?

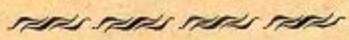
— Sim. Não há dúvida de que lá existe muita camaradagem. No nosso Liceu para haver isso, é necessário deixar de existir uma certa distinção entre os diversos anos, excepto do 3.º ciclo.

● Qual a melhor maneira de «elas» caírem?

— Como já declarei sou ainda um inocente, que se deixa enganar facilmente, por isso não devem fazer caso da minha opinião, que é a seguinte: persistência, paciência.

● Tens mais alguma coisa a dizer-nos?

— Ainda referente ao passeio à Terceira, houve uns que se dedicaram à pesca feminina e os outros como não tinham nada que fazer, resolveram ir ajudadas vezes à «Adega Lusitânia», experimentar as já conhecidas «bolas».

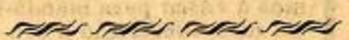


## Sensacional Concurso

Por sugestão de um nosso colega, o «Arauto», inicia desde hoje até ao próximo número um concurso que se denomina — «As 7 maravilhas do nosso Liceu».

Os concorrentes terão de enviar, por escrito, a sua opinião aos redactores deste jornal, que publicará os resultados do dito concurso em Maio.

Serão disputados, entre os vencedores, alguns «brindes».



## Prémio Nobel

O «Prémio Nobel de Ciências Naturais» foi atribuído este ano à turma do 7.º ano-F pelas grandes descobertas que fizeram no reino dos «6» e «7».

Parabéns.

## == ESPIONAGEM ==

### Reserva?

Afinal o despachante não a despachou como tudo levava a crer. Sómente pô-la de «reserva». O nosso Serviço de Espionagem localizou-os de mãos dadas, no tão conhecido ambiente de amor do Dispensário. Grande ingenua!...

### Se não sabia...

... fica sabendo que o Soares já saiu do ovo. Foi difícil, mas conseguimos apanhá-lo em flagrante. As imediações do «Amor da Pátria» estão a ficar muito concorridas.

Há um pormenor deveras interessante: «Só falarei com ele, quando mudar de voz», disse-nos ela gaiatamente.

### Regresso ao lar

O Azevedo regressou à sua «antiga».

Continuamos a acreditar que «não há amor como o primeiro».

### Por sinais

Há dias ao passarmos pelo «Amor da Pátria», vimos o Simões, num engraçado, mas inexpressivo jogo de sinais.

A cachopa estava à janela

com uma cara de quem não percebe patafina do assunto. Amigo Simões, era melhor que ficasses aí no canto de Polícia Sinaleiro.

### Não está certo

Há no Magistério um engraçado romance de amor. Apaixonaram-se subitamente e, ao falar-se no assunto, tão envergonhados ficam que se escapam.

Que dirão os do 1.º ciclo que não tem vergonha nenhuma?

### Peneirenta?

Três engraçados meninos (dois do Liceu e um externo) resolveram interessar-se por uma menina, que pelos vistos é muito peneirenta. Um por um foram tentar a sua sorte. Afinal apanharam um «não» categórico.

«Fez jogo todo o dia, para a noite dizer não»; respondeu-nos um deles.

### Ciúmes?

O M. anda agora em lições de dança e engraçou com uma continental muito «girinha». Fica todo ciumento quando «um» nas mesmas circunstâncias a tira para dançar.

Tem cuidado, M.I. Com um adversário desses e um sogro com um cinturão daqueles...!

### Descendo...

O Manecas anda muito interessado em fixar residência nos Flamengos. Diz que já é um homem e que a profissão de sinaleiro não lhe agrada.

Felicidades! E que a profissão de taberneiro te dê muitos lucros.

### Terminou... começou

O B. já terminou há tempos o seu filme «Romance entre Camiões» que teve um êxito formidável.

Em consequência da sua viagem à Terceira trouxe consigo um exemplar raro — bonita, loira e peneirenta. Já andam pelas ruas da cidade num descaramento nunca visto, e já os vimos no Jardim de Inverno do «Amor da Pátria» com as cabeças muito juntas. Mas... cuidado, parece que ela tem os cabelos oxigenados.

### Sono?

Houve uma menina do terceiro ano que foi no passeio à volta da ilha, com os estudantes madeirenses. E qual não foi a nossa surpresa quando a vimos com a cabeça no ombro dum. A nossa «malta» quando os viu naquele estado, começou a cantar:

Encosta a tua cabecinha ao meu ombro e chora

### Explicação

O grupo das denominadas «zaragateiras» que acompanhavam o R. S. e a sua «parceira», pediram-nos a explicação de tal cognome.

Pois com certeza, que elas eram umas linguareiras, que nunca deixaram em paz o engraçado casal de «pombinhos».

Mulheres!...

### Quem sabe?

Em consequência duns versos anónimos enviados a uma nossa ex-colega (4.º ANO - A) e assinados por Percevejo Fadista, pedíamos o favor aos de boa vontade que descobrissem esse insecto raro no nosso liceu ou... fora.

### Outro que saiu...

Finalmente o Costa N... arranhou a sua «amiguinha». Como ele é um dos meninos mimosos da mamã, ficámos admirados.

Em pouco concorrerá para polícia ou talvez para... subchefe.

Felicidades na prova, porque ela é dura.

## Estudante Profissional

Sou estudante profissional  
Em cálculos e barulho.  
P'rá aula não levo pasta  
Mas sim um pequeno embrulho.

Não pensem que este contém  
Livro de Português ou Francês,  
De História ou de Geografia,  
De Matemática ou Inglês!

Cadernos? Isso é fino.  
Gramática? Mais fino é.  
Significados? Vem de carrinho.  
Mais valia cheirar rapé.

No embrulho eu levo  
Dominó, cartas e «aventuras».  
Coisas de estudar, oh!  
Até me dão tonturas.

Mas digam-me agora lá  
Se tenho ou não razão?  
Que hei-de fazer eu na aula  
Se sou um grande «cabulão»?

Brincar? Não tem piada.  
Dormir? A's vezes sim.  
Mas acima de tudo,  
Jogar é o melhor p'ra mim!

Nas cartas, sou formidável.  
No dominó, melhor sou.  
Na batalha naval, sou fraco,  
Mas no poker, em forma estou.

Mas, por Deus, não me imiteis,  
Porque são tudo asneiras!  
Deixai-me seguir assim,  
E segui vossas «carreiras».

**Um Cábula**